

## A FORÇA SIMBÓLICA DO MITO NA POESIA DE SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Marisa V. Catta-Preta<sup>1</sup>

Maria Teresa Ginde de Oliveira<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo pretende, por meio da poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen, estabelecer um possível diálogo entre a literatura e as linhas mestras da psicologia analítica. Para isso, as autoras fazem uma leitura de vários poemas que versam sobre o mito do Minotauro, mostrando que o estudo do mito e de sua linguagem simbólica pode ser um forte instrumento pedagógico, pois traz à tona aspectos conscientes e inconscientes presentes em toda aprendizagem lúdica. Assim, a leitura do mito não considera apenas o intelecto, mas também os níveis profundos de nossa psique inconsciente, mostrando que tal acesso é possível através da arte e da poesia e suscitando reflexões em torno de valores importantes no desenvolvimento humano. A metodologia utilizada foi a leitura de poemas e estudos sobre a obra poética de Sophia de Mello Breyner Andresen bem como sobre a psicologia junguiana. O resultado foi um artigo que traz o caráter interdisciplinar da aprendizagem, na qual a leitura de poemas torna-se objeto de reflexão para estudos de literatura e de psicologia.

**Palavras-chave:** Minotauro. Poesia. Psicologia junguiana.

---

<sup>1</sup> Mestre em Psicologia clínica- Núcleo de Estudos Junguianos pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo (2009) e atualmente é coordenadora e professora de disciplinas do curso de Psicopedagogia da pós-graduação da Unimes virtual, bem como oferece orientação psicopedagógica na Sala de Apoio ao Discente dessa instituição. Psicóloga clínica, é autora do livro :A Noite da alma - sonhos e insônia; e co-autora dos livros: ;Sonhos e Arte ; Sonhos na Psicologia Junguiana e Jung e Saúde;. Ministra grupos de estudos de psicologia analítica e supervisiona profissionais dessa abordagem.

<sup>2</sup> Mestre em Literatura Portuguesa (1978), pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professora de Leitura e Produção de Texto dos cursos de Tecnologia e de Serviço Social da Universidade Metropolitana de Santos (modalidade a distância) e de Introdução aos Estudos Literários e Redação Acadêmica no curso de Letras da Universidade Metropolitana de Santos (modalidade a distância), além de orientadora de TCC. Experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura, Produção textual e Formação de professores de Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: produção textual, literaturas em língua portuguesa e docência.

**Abstract:** This article aims, through Sophia de Mello Breyner Andresen's poetry, to establish a possible dialogue between the literature and the master lines of the analytical psychology. In order to get this, the authors do the reading of several poems which deal with the myth of the Minotaur, showing that the study of the myth and its symbolical language can be a substantial pedagogical tool, for it, brings to light conscious and unconscious aspects which are present throughout playful learning. This way, the reading of the myth doesn't take into account only the intellect, but also the deep level of our unconscious psyche, showing that such access is possible through art and poetry evoking reflections around important values in human development. The methodology used was the reading of the poems and studies about Sophia de Mello Breyner Andresen's poetry as well as the Jungian psychology. The result was an article which brings the interdisciplinary character of the learning, in which the reading of poems becomes the object of reflection to the studies of literature and psychology.

**Key-words:** Minotaur. Poetry. Jungian psychology.

## Introdução

Os mitos e a literatura caminham juntos em várias dimensões da vida humana, incluindo aí tanto a aprendizagem obtida pelas experiências vividas quanto a aprendizagem escolar. Tanto é assim que, já há algum tempo, muitas são as adaptações literárias de narrativas míticas que têm o intuito de auxiliar na aprendizagem das crianças, adolescentes, jovens e adultos. Nesse artigo, pretende-se mostrar a importância do mito e da poesia como formas de expressão simbólica que podem ensinar muito mais do que textos formais.

Escolhemos o tema do Minotauro, já percorrido por vários autores estrangeiros e nacionais, como Monteiro Lobato em suas obras infantis, com o mesmo intuito de ensinar através da mitologia grega. Poderíamos usar mitos indígenas, indianos, africanos, mas optamos por esse mito grego pelo fato de ser conhecido e trazer à tona um tema importante em nossa cultura ocidental, tal seja, o das relações de poder, as quais a poeta portuguesa escolhida é capaz de descrever por meio de imagens míticas em uma série de poemas, desvelando todo o processo arquetípico da luta entre o poder e a ética presente nesse mito. Este trabalho pretende mostrar como educadores podem ter



Vol.1 – Número 1- DEZ.2015

nos mitos um importante instrumento pedagógico, por meio do qual a aprendizagem se dá de forma lúdica e numa proposta reflexiva, que faz a imaginação abrir portas para vários questionamentos da vida cotidiana, que está envolta pelo universo mítico da alma.

Através do mito, é possível aprender não apenas de forma intelectual, mas por uma outra via, que é a do sentir, da fantasia, da imaginação, do intuir. O mito é uma narrativa que está presente na vida de todos nós, portanto, entramos em contato com esse tema em algum momento de nossas vidas, mas apenas o artista é capaz de contá-lo sob uma perspectiva de beleza e sensibilidade, fazendo com que possamos reviver aspectos conhecidos que, entretanto, estavam no lado mais inconsciente e profundo de nosso psiquismo: o inconsciente coletivo. O poeta resgata o mito e o traduz na mais bela forma simbólica e estética, usando recursos poéticos para expressar imagens arcaicas,

através de seus conhecimentos de literatura e arte.

Já há muito se vem apontando a pertinência das análises dos textos de Sophia de Mello Breyner Andresen à luz de várias teorias, tanto as estritamente literárias quanto as comparatistas, estabelecendo-se, assim, um profícuo diálogo entre diferentes produções literárias e áreas de conhecimento.

Este artigo inclui-se no segundo caso, pois que apresenta uma possível abordagem ancorada na psicologia analítica de C. G. Jung, considerando-se, como ponto de partida, a apropriação que Sophia faz do mito dentro do universo simbólico de sua poesia. Tal viés contempla, aqui, o conceito de arquétipos como conteúdos do inconsciente coletivo e os mitos como representações de situações arquetípicas vividas eternamente pelo ser humano. Na psicologia analítica, o conhecimento dos mitos como proposta de trabalho para maior compreensão dos símbolos reflete o quanto os mesmos são usados para a leitura do inconsciente, através de sua expressão nos sonhos, na arte ou na religião.

Nosso objetivo, então, é, a partir de um corpus restrito de poemas de Sophia de Mello Breyner Andresen – alguns dos que tratam, direta ou indiretamente, do tema do “Minotauro” e do “labirinto” –, apresentar uma análise fundada em conceitos da teoria junguiana e no mito em si.

Para isso, iniciamos o artigo definindo os conceitos da psicologia analítica de C. G.



Vol.1 – Número 1- DEZ.2015

Jung e, depois de expor o mito, procuramos fazer uma leitura simbólica do mesmo sob o olhar da abordagem junguiana. Além disso, tentamos compreender quais elementos Sophia utilizou para a construção dos poemas.

## **O artista e a arte na psicologia analítica de C. G. Jung**

O artista tem o estranho poder de penetrar na alma coletiva e extrair as emoções que estão impressas na vida, expressando por imagens e metáforas aquilo que vimos, sentimos, mas a que não conseguimos dar forma.

Jung vê a arte não como algo que diz respeito apenas à biografia do artista, mas como algo que tem um sentido muito mais amplo e profundo, ou seja, para ele o artista não

reproduziria apenas questões internas pessoais através de sua arte, mas mergulharia no inconsciente coletivo trazendo dele aspectos comuns a todos os homens e captando os anseios da nossa cultura, do que está inconsciente para cada um de nós, mas que já está presente na alma coletiva. Esse sentido é muito maior que outras abordagens que reduzem a obra ao que o artista viveu em sua vida pessoal. Diz Jung (1991, p.63):

A análise prática dos artistas mostra sempre de novo quão forte é o impulso criativo que brota do inconsciente, e também quão caprichoso e arbitrário. Quantas biografias de grandes artistas já demonstraram que seu ímpeto criativo era tão grande que se apoderava de tudo que o que era humano, colocando-o a serviço da obra, mesmo à custa da saúde e da simples felicidade humana!

O envolvimento com vários artistas de sua época - muitos analisados por ele - e sua própria experiência com a arte, divulgados recentemente em seu Livro Vermelho, desenvolveram em Jung um olhar sensível para a expressão artística. No Livro Vermelho, Jung dialoga com suas imagens internas através da pintura e da escrita, uma espécie de diário da vida interna. Essa ideia não era incomum na sua época, segundo Shamdasani (2010), que relata que artistas como Erika Shlegel e Hans Shimid pintavam e escreviam em livros semelhantes.

Em palestra proferida em Zurique na Sociedade de Língua e Literatura Alemãs, Jung



Vol.1 – Número 1- DEZ.2015

(1991, p.54) expõe o cuidado que se deve ter ao se analisar o que é a arte do ponto de vista da psicologia e, ao mesmo tempo, a importante relação entre essa ciência humana e a arte:

Falar sobre a relação entre a psicologia e a obra de arte poética é para mim, apesar da dificuldade, uma oportunidade bem vinda, pois assim tenho a oportunidade de expor meus pontos de vista na controversa questão da relação entre a psicologia analítica e a arte. Apesar da sua incomensurabilidade existe uma estreita conexão entre esses dois campos que pede uma análise direta.

Para Jung (1994), o poder criativo tem origem nas camadas mais profundas do inconsciente coletivo. Assim, vemos que, para ele, a estrutura psíquica contém, além de uma parte consciente, uma outra, inconsciente, que se divide em pessoal e coletiva. O inconsciente pessoal carrega apenas conteúdos pessoais, os quais adquirimos em nossa história de vida. Já o inconsciente coletivo é formado de conteúdos coletivos, que seriam estruturas comuns a todos os seres humanos, com padrões de comportamento e predisposições para formar imagens criadas desde o surgimento da raça humana. A esses padrões, Jung chamou arquétipos, e as imagens que surgem a partir dessa matriz e se manifestam nos sonhos, na arte, na mitologia e na religião são as chamadas imagens arquetípicas. Os mitos seriam parte desse material coletivo, daí observarmos, na narrativa mítica de diferentes culturas, caminhos universais e temas comuns.

Os motivos encontrados nos mitos falam da mais pura expressão da alma humana e possuem uma função terapêutica para o homem moderno. Segundo Silveira (1981), o material coletivo nos sugere que, durante muito tempo, várias pessoas padeceram por questões como as que vivemos em nossos conflitos atuais, e os mitos trazem a proposta de um caminho a ser trilhado, deixando o testemunho de que não somos os únicos a sofrer e a viver os dramas da existência, mas que há muito tempo esses temas atravessam o destino humano.

Portanto, o artista, para Jung (1991), irá mergulhar no inconsciente profundo, coletivo, que contém todos esses motivos da experiência humana e, ao voltar desse mundo atemporal, poderá fazer a leitura da época em que vive e trazer, para a consciência e para o mundo, tudo isso transformado em imagens, sejam poéticas ou visuais, seja

através da música ou da dança. Essas obras artísticas surgem repletas de temas que permeiam o inconsciente de todos nós. Por meio da arte, o artista consegue, com muita habilidade, retratar subjetivamente aquilo que vai ao encontro das expectativas da consciência coletiva e evoca emoções que teríamos dificuldade em descrever racionalmente. Jung (1991, p.71) comenta a esse respeito:

O processo criativo consiste (até onde nos é dado segui-lo) numa ativação inconsciente do arquétipo e numa elaboração e formalização na obra acabada. De certo modo a formação da imagem primordial é uma transcrição para a linguagem do presente pelo artista, dando novamente a cada um a possibilidade de encontrar o acesso às fontes mais profundas da vida que, de outro modo, lhe seria negado. É aí que está o significado social da obra de arte: ela trabalha continuamente na educação do espírito da época, pois traz a tona aquelas formas das quais a época mais necessita.

Nesse sentido, Jung (1991) procura não reduzir a impressão de uma obra toda realizada pelo artista só a partir de suas questões individuais, pois o artista não se tornou o que é por acaso, ele foi tomado pelas imagens do inconsciente sem, entretanto, se perder nelas como acontece no caso de pessoas que sofrem de psicoses e esquizofrenia, nas quais o ego se perde no emaranhado arquetípico das imagens do inconsciente.

Quando, por exemplo, observamos a obra de Nise da Silveira nos trabalhos e estudos do Museu de Imagens do Inconsciente, muitas dessas expressões artísticas de pacientes psiquiátricos foram consideradas verdadeiras obras de arte, e a semelhança delas com estilos de artistas plásticos é muito grande. Isso acontece porque, na verdade, esses doentes dão o mesmo mergulho do artista nas águas profundas do inconsciente, entram em contato com o mesmo conteúdo arquetípico, porém não voltam, perdem-se: o inconsciente invade suas vidas e o ego frágil não tem forças para suportar a energia dos arquétipos. Mas, e o artista? O artista faz a mesma viagem, porém completa sua travessia, navega pelos mares do inconsciente e consegue regressar com as riquezas dos lugares por onde passou sua alma.

## **O Minotauro: o mito sob a ótica junguiana**

Na narrativa mítica que tem o Minotauro como uma de suas personagens, Teseu, filho

do rei de Atenas, propôs ao pai enfrentar o Minotauro que vivia em Creta. Sob o domínio do rei Minos, inimigo de Atenas, periodicamente sacrificavam-se sete rapazes e sete moças, que eram entregues ao monstro a fim de serem devorados dentro de um labirinto do qual ninguém conseguia sair vivo. O rei concordou, e Teseu foi com os jovens, combinando com seu pai que, ao voltar, se derrotasse o monstro, velas brancas seriam içadas no navio, mas no caso de não obter sucesso em sua empreitada, velas negras estariam içadas.

Ao chegar a Creta, Teseu conheceu Ariadne, filha do rei Minos, e ela lhe propôs ajuda desde que a levasse quando voltasse para Atenas. Ariadne, então, entregou a ele um fio para que usasse no labirinto e, ao voltar, percorresse o mesmo sem se perder já que, ao

seguir o fio, poderia ver por quais lugares já havia passado. Teseu segue os conselhos de Ariadne, usa o fio e consegue chegar ao centro do labirinto e matar o Minotauro. Então, abandona Creta, fugindo com Ariadne e o grupo de jovens; no entanto, ao chegar à ilha de Naxos, ele deixa Ariadne sozinha e parte com os outros. Ariadne, ao despertar e se ver só, fica desconsolada, mas Dionísio, o deus do vinho, apaixona-se por ela e acolhe sua amada. Por algum motivo, Teseu se esquece de trocar as velas negras pelas brancas em sua chegada a Atenas, e, do topo dos rochedos, seu pai avista o barco com as velas negras e conclui que o filho morreu. Seu desolamento é tamanho, que se atira do penhasco e morre. Teseu se tornou rei de Atenas, mas sua vitória não lhe trouxe o brilho heroico.

Segundo Brandão (2007), a proeza do herói não foi considerada uma vitória pelo fato de ele ter usado meios escusos para matar o Minotauro. Simbolicamente, ele mata o lado perverso de Minos, mas não o seu, que foi contaminado pela vaidade e pelo poder de vencer o inimigo. Venceu a perversidade de Minos, mas não a perversidade de Teseu. Matou o monstro fora, mas não dentro de si. Foi engolido pelo mesmo poder de Minos, só que pela vaidade, sendo capaz de abandonar a mulher que o amava e que o auxiliara na difícil tarefa de sair do labirinto em que o Minotauro vivia.

Ao deixar Ariadne em Naxos, Teseu traiu não só a ela, mas a si mesmo, a sua alma, pois esqueceu, no auge de sua vaidade, o caminho que percorrera. Não foi ético em relação à princesa Ariadne, que traiu o pai para que pudesse seguir o seu amor. Também o

caminho de Ariadne não seguiu critérios honestos, foi um caminho perigoso, porque ela barganhou sua felicidade ao invés de esperar que os deuses a concedessem por meios justos. Esse mito trata de várias traições e mentiras. O próprio Minotauro é fruto da traição de Pasífae, a esposa de Minos, sob inspiração de Posídon. Interessante pensar que a mensagem do mito vai além de uma questão moral de traição: ele parece falar da cegueira de não olhar para si próprio e não enxergar seus monstros, expressos nas contradições e inseguranças humanas.

Também podemos pensar em Ariadne como a alma de Teseu, e abandoná-la significa trair a própria alma. O tema da perda da alma foi visto em várias culturas e é muito frequente na literatura, como em Oscar Wilde, na obra de Nietzsche, no Fausto de Goethe, em A casa de Astérion, de Jorge Luis Borges, e em Jung no seu Livro Vermelho. Assim, perder a alma é esquecer quem somos, é perder o sentido da vida. A busca da alma perdida é um tema típico do homem moderno retomado do Minotauro, quando Teseu, tal qual o homem atual, obtém vitórias, mas perde sua alma pelo caminho e passa a agir de forma coletiva, mesmo que isso contrarie seus valores, pensando apenas na importância de vencer, sem preocupar-se com o percurso feito para tal conquista.

Daí a importância do mito na literatura: ele retoma as forças primordiais do ser e os valores que jazem obscuros na nossa alma moderna e precisam vir à luz da consciência para que possamos acrescentar sentido a nossa vida, para que possamos nos reencontrar e nos reconhecer na narrativa mítica. O mito nos indica os caminhos para o retorno ao homem primordial, a nossa essência humana.

### **A capacidade simbólica do mito expressa em poemas de Sophia de Mello Breyner Andresen**

Em um número significativo de textos, Sophia de Mello Breyner Andresen apropria-se de narrativas e figuras da mitologia, em especial a grega, para, em torno delas, estruturar seus poemas. É o que acontece nos sete (Nota 1) escolhidos para formar o *corpus* deste artigo, os quais se relacionam, de alguma forma, com o mito de Teseu e do Minotauro



Vol.1 – Número 1- DEZ.2015

analisado na seção anterior.

Sophia redescobre, no mito, a capacidade de ativar verdades atemporais presentes na alma humana. Usa os mitos como forma de expressão poética de seus sentimentos e do que observa da alma coletiva. Podemos arriscar dizer que, por meio do mito, conta a história de sua alma. Ao lermos Sophia, porém, não vemos apenas sua leitura pessoal do mito, mas a percepção do caráter mítico que vai além do pessoal, que traz o arquétipo que rege não só suas emoções pessoais, mas as de todos os seres humanos. Vimos acima que, para Jung, essa era a verdadeira arte, aquela que se sobrepõe à vida pessoal do artista, indo além, atingindo a alma coletiva de toda uma época. Quando lemos Sophia, algo se processa em nós e somos capazes de compreender o que ela revela de forma simbólica através da poesia.

E em *O Minotauro* (1972), Sophia nos revela labirintos evocados por suas emoções e como não teme confrontá-los. O eu lírico do poema, então, prepara-se para esse confronto, evitando qualquer coisa que o impeça de permanecer de “olhos abertos”, isto é, de estar totalmente consciente: “Nenhuma droga me embriagou me escondeu me protegeu”. Assim, ele consegue penetrar no “interior do mar”, no seu “abismo”, para reconhecê-lo “pedra a pedra anêmona a anêmona flor a flor”, ou seja, nos três reinos da natureza.

Nesse trecho, podemos pensar que a poeta está falando da sua forma consciente de mergulhar nas partes mais profundas de sua alma, onde é preciso não apenas a coragem para o mergulho, mas também a atenção para percorrer esse caminho, reconhecendo cada conteúdo encontrado, voltando com o tesouro das forças criativas do inconsciente para a superfície da consciência. Não é fácil tal empreitada no universo mítico do inconsciente. Sabemos o quanto é difícil mergulhar de olhos abertos quando não se tem um ego forte capaz de entrar em contato com nossos labirintos internos repletos de emoções. E quando Sophia diz que pertence “à raça daqueles que mergulham de olhos abertos”, está provavelmente falando da sua forma consciente e corajosa de olhar o mundo, presente em vários de seus poemas e em sua biografia pessoal, na sua participação e posicionamento político e social.

Por isso, a preparação continua nos versos seguintes, quando os gestos do eu lírico lembram um ritual:



Vol.1 – Número 1- DEZ.2015

Só bebi resina tendo derramado na terra a parte que pertence aos deuses

De Creta

Enfeitei-me de flores e mastiguei o amargo vivo das ervas

Para inteiramente acordada comungar a terra

De Creta

Beije o chão como Ulisses

Caminhei na luz nua

Os versos ressaltam que de nada serve a embriaguez quando é preciso nos voltarmos para dentro de nós mesmos, o que parece sugerir uma tentativa de expressar o quanto é necessário olharmos com clareza e consciência o que se passa em nossas vidas, sem fugir em fantasias e na cegueira mental, pois só assim poderemos percorrer sem medo os labirintos de nossa alma.

Quando se refere à “parte que pertence aos deuses”, Sophia traz de volta um grande ensinamento da cultura grega. Segundo Cavalcanti(1996), para os gregos, um mortal não poderia incorrer na *hybris*, ultrapassar a *métron* e querer tornar-se um Deus, ser perfeito: eles tinham, de forma muito clara, até onde a vontade e o ego humano poderiam ir e os limites de nossa mortalidade. Cabia aos deuses tudo aquilo que ia além do humano, além do ego, e se incluía, aí, os sentimentos e fenômenos da natureza. Para os gregos, as emoções não estavam no controle do homem, mas iam além dele, faziam parte do universo mítico dos deuses. Portanto, para manter o equilíbrio, o homem deveria fazer a sua parte e deixar que os deuses dessem sua contribuição naquilo que lhes cabia realizar.

É assim que, ao mergulhar nesse mar primordial “Inteiramente acordada”, o eu lírico caminha no interior de seus labirintos:

E caminhei no interior dos palácios veementes e vermelhos

Palácios sucessivos e roucos

Onde se ergue o respirar de sussurrada treva

E nos fitam semi-azuis de penumbra e terror

Imanente ao dia –

Caminhei no palácio dual de combate e confronto

Onde o Príncipe dos Lírios ergue os seus gestos matinais

Os “gestos matinais” do Príncipe dos Lírios apontam para o lado solar do homem, para sua consciência e conhecimento em “combate e confronto” com seu lado obscuro,



Vol.1 – Número 1- DEZ.2015

labiríntico, que ele tenta acessar e conhecer. Por isso, mais uma vez, o eu lírico lembra que “Nenhuma droga me embriagou me escondeu me protegeu”, pois ele é um ser que, incessantemente, “se busca e se perde e se desune e se reúne”. Sophia, neste momento, amplia o alcance de sua busca, lembrando que o Minotauro mora em nós, que em nossa busca nos perdemos, assim como os jovens que se sacrificam ao serem oferecidos ao Minotauro, assim como aconteceria com Teseu se não tivesse em seu poder o fio de Ariadne. Ou assim como a poeta (Nota 2), se não pertencesse “à raça daqueles que percorrem o labirinto, / sem jamais perderem o fio de linho da palavra”.

Outros poetas falam sobre esse mito, mas a emoção que carregam os versos de Sophia consegue acessar esse motivo arquetípico, o qual todos nós vivemos um dia, que é a entrada no labirinto de nossos sentimentos mais confusos.

Sophia prossegue, pois, no labirinto, de olhos abertos, conduzida pelo fio de Ariadne, o qual nunca perde (“Sem jamais perderem o fio de linho da palavra”) – o fio que revela a saída de nossos labirintos e nos guia para fora dele. Talvez essa revelação de Sophia em seu poema seja o grande feito heroico de todo artista: penetrar nos níveis mais profundos da psique inconsciente, regressar deles e registrá-los com “o fio de linho das palavras”. Ora, Sophia parece nos falar da necessidade de olhar o que está mais profundo na alma humana, no inconsciente, porém de “olhos abertos”, com consciência, sem perder o fio, ou seja, sem perder-se no caminho de sua busca, olhando as verdades de frente, voltando com a riqueza guardada em nosso mundo interior e, finalmente, expressando-a pela palavra poética.

Também sabemos que Sophia viveu no contexto de uma ditadura, foi sensível às questões sociais que afetavam a sociedade portuguesa de sua época e, diante delas, assumiu uma postura política ativa. De fato, em sua poesia, há a denúncia aberta do medo que dominava os portugueses e que não era expresso, há a indignação frente à prisão de ideias imposta por um sistema político ditatorial. Mas não podemos reduzir a poesia de Sophia apenas a uma forma de manifestação das emoções contidas nesse momento político e social.

Ela vai além e mostra o que há por trás de atitudes decorrentes dessa forma de governar. Ela vai às profundezas e fala do poder, do egoísmo, presentes no ser humano desde tempos imemoriais. Poder presente em Minos, o rei tirano de Creta, nos sacrifícios



Vol.1 – Número 1- DEZ.2015

humanos dispensados ao Minotauro, o touro de Minos, e assim indiretamente Sophia nos faz reconhecer, numa nova versão, o mesmo motivo em ditadores e no povo sacrificado. Mostra o poder que está presente em todas as situações que fazem, do outro, alimento e sacrifício para nossos monstros internos, egoístas e sedentos de poder e controle.

Sophia nos mostra, em sua poesia, que consegue viver os anseios da alma sem se perder no labirinto. Ela não descreve apenas a ilha de Creta, o Minotauro e o labirinto externamente, mas também aquilo que, apesar de não visível, permeia esse lugar mítico, nos mobiliza, apontando as mensagens simbólicas que podemos extrair desse mito.

Assim, Sophia faz uma outra viagem a Creta, durante a qual ela não apenas vê as peculiaridades locais, mas absorve o que se passa no subterrâneo das emoções evocadas pelos mitos que perpassam a atmosfera psíquica desse espaço. Arquétipos que se repetem e que, através da narrativa mítica, podem nos ajudar a dar um lugar à nossa dor e às nossas angústias, numa cultura que teme a morte e não permite a expressão de nosso inconsciente.

Ainda em O Minotauro, fala de seu Dionísio que não se vende, o que nos faz pensar em seu espírito livre que não cede ao coletivo e “não se vende em nenhum mercado negro”. Sabemos que Sophia manteve-se coerente aos seus ideais de liberdade mesmo quando o terror e o temor tomaram conta de Portugal na época da ditadura, que só se encerrou em 1974. Esse poema, publicado em 1972, ainda contém muito da atmosfera ditatorial promovida por Salazar e estendida por seu sucessor. Foi em tal atmosfera que ele surgiu, e Sophia trouxe à luz o arquétipo do autoritarismo extremo, vivido na mitologia por Minos e pelo Minotauro derrotado por Teseu.

Os últimos versos desse poema sintetizam o percurso do eu lírico em seus labirintos e apresentam a consciência que a poeta parece ter de ser capaz de trazer, em sua poesia, aquilo que precisa ser dito, que necessita ser revelado e expresso para o mundo por meio da palavra poética:

Em Creta onde o Minotauro reina atravessei e vaga  
De olhos abertos inteiramente acordada  
Sem drogas e sem filtro  
Só vinho bebido em frente da solenidade das coisas –  
Porque pertenço à raça daqueles que percorrem o labirinto,



Vol.1 – Número 1- DEZ.2015

Sem jamais perderem o fio de linho da palavra

Num poema de apenas três versos, a que deu o nome de Labirinto (Nota 3), Sophia fala de seu caminho percorrido de forma solitária – “Sozinha caminhei no labirinto” – no qual teve que se aproximar do silêncio e das trevas para encontrar a luz. Sabemos que na psicologia analítica é preciso entrar em contato com as partes mais sombrias da alma para podermos ter uma vida mais íntegra e consciente de nossas escolhas. Só assim vamos realizar nossa individuação, conceito criado por Jung (1991) para denominar a busca do Self, ou o Si-mesmo, que representaria nosso centro psíquico, o qual abrange vivências além de nosso ego e questões pessoais. Nos mitos, também iremos sempre encontrar a temática do herói que tem que entrar em contato com suas fraquezas e limites para só então ser capaz de transpor os obstáculos. Não há como pular a escuridão do inconsciente para se chegar à luz da consciência. Depois de caminhar no labirinto, Sophia entende que para chegar a um “dia limpo” é necessário varrer as sombras de nossa alma nos seus recantos mais obscuros. Da mesma forma, “Em Creta onde o Minotauro reina”, foi necessário enfrentar seus monstros para perceber o sol azul que, por trás de sua sombra, lhe tocava o ombro:

E quando me virei para trás da minha sombra  
Vi que era azul o sol que tocava o meu ombro

Em outro poema, O Poeta Trágico (1972), Sophia retoma o tema do labirinto, mas agora já colocando o quanto o medo já foi exposto e o “touro debelado”, ou seja, parece caminhar para a derrota de seus medos que vêm à tona no “pátio quadrado”. Fala de “sol” e “nudez”, portanto daquilo que não é mais escondido, porém exposto. Mais uma vez, a metáfora utilizada por Sophia para registrar o resultado de sua busca se relaciona com a arte: o poeta trágico, que expõe a uma platéia o medo, o lado obscuro do ser humano, em forma de ação trágica. E, ao fazer isso, provoca a catarse.

Em outro poema que também denominou O Minotauro, escrito em um momento posterior ao primeiro, a poeta fala do monstro latente que novamente ataca e se mostra insaciável. Aqui, Sophia parece mostrar a imortalidade do arquétipo, o quanto ele é capaz de repousar no inconsciente e ser ativado cada vez que se constela uma situação que corresponde ao tema do mesmo. Ou seja, o Minotauro vive em nós e pode ser



Vol.1 – Número 1- DEZ.2015

ativado a qualquer momento, pois ele repousa no inconsciente, mas não morre - assim como o poder insaciável que reaviva cada vez que alguém é acometido por esse monstro e se torna sedento de possuir um poder maior. Interessante pensar que, na ocasião em que escreveu esse poema, a ditadura já havia acabado em Portugal, pois ele é de 1977. Porém, os resquícios de Minos devem ter sido observados pelos “olhos abertos” de Sophia, mesmo após a ditadura.

No poema O Palácio, de *O nome das coisas*, o último em que Sophia parece aludir diretamente ao tema do mito do Minotauro, ela deixa entrever que as contradições da alma humana vividas pela sombra de Minos e do Minotauro em tão estranho palácio já surgiam em sua infância. Identifica que, a essa época, “o não dito”, “o confuso” já existiam. Podemos pensar que, ao encerrar esse poema dizendo “Ali era o Kaos onde tudo nascia”, estaria se referindo ao seu labirinto interno, percorrido com tantos perigos, o qual deu luz à Sophia poeta, ou seja, foi do seu caos interior que surgiu a sua poesia. E considerando tal caminho como um percurso arquetípico, esse poema nos encoraja a vislumbrar, a partir de nosso próprio caos interno, o nascimento de nossa individuação, que, para Jung, representa um caminho único a ser seguido por cada ser humano. Sophia nos revela que é a partir do caos que nasce algo em nós. É preciso viver o caos, entrar em contato com “o não dito”, com “o confuso”, para vislumbrarmos o nascimento de algo novo.

Interessante observarmos que há um poema que antecede o tema do mito de Teseu e o Minotauro – é publicado em 1967, no livro *Geografia*. Sophia o chama de Epidauro. Nesse poema, ela se percebe no “silêncio”; porém, depois, gritando para que se destruía o monstro que ela considera capaz de devorar a todos: “Gritei para destruir o Minotauro e o palácio. Gritei para destruir a sombra azul do Minotauro”. E assim ela se refere ao monstro devorador: “Ele come dia após dia os anos da nossa vida. Bebe o sacrifício sangrento dos nossos dias. Come o sabor do nosso pão a nossa alegria do mar”. Poderíamos pensar que aqui Sophia fala dos prazeres simples da alma, mas que dão significado à vida e ao criativo. Alerta para o fato de que o monstro se mostrará possuidor de poder quase transpessoal, mas revela que esse monstro é apenas um humano sedento de poder: “Mas de súbito verás que é um homem que traz em si próprio a violência do toiro”.



Vol.1 – Número 1- DEZ.2015

Esse poder refere-se ao contexto social em que vivia Sophia? Ela estaria falando de Salazar? Provavelmente sim; porém, não apenas do ditador mas também do poder arquetípico que se apossou dele, que é capaz de corromper a qualquer um de nós tomados por esse perigoso monstro.

Nesse poema, Sophia vislumbra o labirinto, nos subsequentes já comentados, parece percorrê-lo. Mas, estranhamente, é em Epidauro, um grande centro de cura na Grécia, segundo Meier(1999), que Sophia começa seu tema com o labirinto. É possível que Sophia tenha intuído que, para a cura da alma, é preciso enfrentar os nossos monstros, percorrer nossos labirintos de emoções e medos para chegarmos às “palavras limpas da serenidade”. De novo, ela fala que para se chegar à limpeza é preciso ver o monstro que representa nossa sombra humana, da qual queremos nos livrar, mas sem a qual não é possível nos tornarmos íntegros.

Em seu poema Ariadne em Naxos, Sophia trata do abandono de Teseu em relação a Ariadne, aquela que lhe deu a solução para seu labirinto. Se considerarmos, portanto, a ideia de que Teseu abandonou simbolicamente sua alma, traindo antes de tudo a si mesmo, e que esse tema representa alma que é vendida para o coletivo ou para o diabo em troca da vitória e do poder, temos aqui uma Sophia que nos relembra o final do mito em que Dionísio resgata Ariadne, ou seja, a liberdade, o criativo e a loucura representada por esse Deus resgatando a alma perdida. Ariadne em Naxos, sob esse enfoque, representa um alento a quem, ao lê-lo, pensa em seus próprios labirintos e prisões, oferecendo a possibilidade do resgate da alma após tão dura jornada.

Esses poemas de Sophia, portanto, revelam-se uma leitura que vai além de informações mitológicas, pois que a poeta oferece em sua arte um acesso a ensinamentos da alma humana que são evocados pelos mitos. Pensando na leitura literária como um direito do homem, como algo necessário à nossa alma para podermos elaborar melhor os mistérios e contradições pelas quais passamos, a obra de Sophia de Mello Breyner Andresen, por meio da linguagem mitopoética, traz a sensibilidade de quem não só leu o mito mas também o trouxe para a sua vida, não apenas o compreendeu com o intelecto, mas também o experimentou, vivendo seu significado mais profundo e convidando a todos nós leitores a essa jornada interior percorrida por Teseu, a qual ela também percorreu .

## Referências bibliográficas

- BRANDÃO, J. S. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- CAVALCANTI, R. **O mito do pai**. São Pulo: Cultrix, 1996.
- CEIA, C. **Iniciação aos mistérios da poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen**. Lisboa: Vega, 1996.
- JUNG, C. G. **O espírito na arte e na ciência**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- \_\_\_\_\_. **O livro vermelho**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- \_\_\_\_\_. **O eu e o inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MEIER, C. A. **Sonhos e ritual de cura**. São Paulo: Paulus, 1999.
- SILVEIRA, N. **Imagens do inconsciente**. Brasília: Alhambra, 1981.

## Notas

Nota1: Labirinto (1962), Epidauro (1967), O Minotauro (1972), Ariadne em Naxos (1972), O Poeta Trágico (1972), O Palácio (1977) e O Minotauro (1977). As datas dos parênteses são da primeira edição da obra em que os poemas foram publicados.

Nota 2: Podemos, aqui, lembrar Mário de Sá-Carneiro no poema Dispersão: “Perdi-me dentro de mim/ Porque eu era labirinto, / E hoje, quando me sinto, / É com saudades de mim”.

Nota 3: O poema Labirinto foi publicado na 1ª edição de *Livro Sexto*, em 1962. Já O Minotauro saiu em *Dual*, cuja 1ª edição é de 1972. No entanto, ao final do poema, Sophia registrou, em itálico: *Outubro de 1970*. Portanto, oito anos separam os dois poemas.

### **Marisa Vicente Catta-Preta**

Mestre em Psicologia clínica- Núcleo de Estudos Junguianos pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo (2009) e atualmente é coordenadora e professora de disciplinas do curso de Psicopedagogia da pós-graduação da Unimes virtual, bem como oferece orientação psicopedagógica na Sala de Apoio ao Discente dessa instituição. Psicóloga clínica, é autora do livro: A Noite da alma - sonhos e insônia; e co-autora dos livros: ;Sonhos e Arte ; Sonhos na Psicologia Junguiana e Jung e Saúde;. Ministra grupos de estudos de psicologia analítica e supervisiona profissionais dessa abordagem.

### **Maria Teresa Ginde de Oliveira**

Mestre em Literatura Portuguesa (1978), pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professora de Leitura e Produção de Texto dos cursos de Tecnologia e de Serviço Social da Universidade Metropolitana de Santos (modalidade a distância) e de Introdução aos Estudos Literários e Redação Acadêmica no curso de Letras da Universidade Metropolitana de Santos (modalidade a distância), além de orientadora de TCC. Coordenou o curso de Letras dessa Universidade entre os anos de 2008 (2º semestre) e 2014 (1º semestre). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura, Produção textual e Formação de professores de Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: produção textual, literaturas em língua portuguesa e docência.

**Artigo recebido em 14/12/2015**

**Aceito para publicação em 15/12/2015**

### **Para citar este trabalho:**

**CATTA-PRETA, Marisa Vicente; OLIVEIRA, Maria Teresa Ginde. A FORÇA SIMBÓLICA DO MITO NA POESIA DE SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN. Revista Ágora. Unimes Virtual. Vol.1.Número1 – DEZ.2015. Disponível em:**

<http://periodicosunimes.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=formacao&page=index>

## ANEXO

### O Minotauro

Em Creta  
Onde o Minotauro reina  
Banhei-me no mar

Há uma rápida dança que se dança em frente de um toiro  
Na antiquíssima juventude do dia

Nenhuma droga me embriagou me escondeu me protegeu  
Só bebi retsina tendo derramado na terra a parte que pertence aos deuses

De Creta  
Enfeitei-me de flores e mastiguei o amargo vivo das ervas  
Para inteiramente acordada comungar a terra  
De Creta  
Beije o chão como Ulisses  
Caminhei na luz nua

Devastada era eu própria como a cidade em ruína  
Que ninguém reconstruiu  
Mas no sol dos meus pátios vazios  
A fúria reina intacta  
E penetra comigo no interior do mar  
Porque pertenço à raça daqueles que mergulham de olhos abertos  
E reconhecem o abismo pedra a pedra anémona a anémona flor a flor  
E o mar de Creta por dentro é todo azul  
Oferenda incrível de primordial alegria  
Onde o sombrio Minotauro navega

Pinturas ondas colunas e planícies  
Em Creta  
Inteiramente acordada atravessei o dia  
E caminhei no interior dos palácios veementes e vermelhos  
Palácios sucessivos e roucos  
Onde se ergue o respirar da sussurrada treva  
E nos fitam pupilas semi-azuis de penumbra e terror  
Imanentes ao dia –  
Caminhei no palácio dual de combate e confronto

Onde o Príncipe dos Lírios ergue os seus gestos matinais

Nenhuma droga me embriagou me escondeu me protegeu  
O Dionysos que dança comigo na vaga não se vende em nenhum mercado negro  
Mas cresce como flor daqueles cujo ser  
Sem cessar se busca e se perde e se desune e se reúne  
E esta é a dança do ser

Em Creta  
Os muros de tijolo da cidade minóica  
São feitos com barro amassado com algas  
E quando me virei para trás da minha sombra  
Vi que era azul o sol que tocava o meu ombro

Em Creta onde o Minotauro reina atravessei e vaga  
De olhos abertos inteiramente acordada  
Sem drogas e sem filtro  
Só vinho bebido em frente da solenidade das coisas –  
Porque pertenço à raça daqueles que percorrem o labirinto,  
Sem jamais perderem o fio de linho da palavra

*Outubro de 1970*

In: *Dual*. Lisboa: Ed. Caminho, 2004, p.57-59.  
1ª edição de Dual é de 1972.

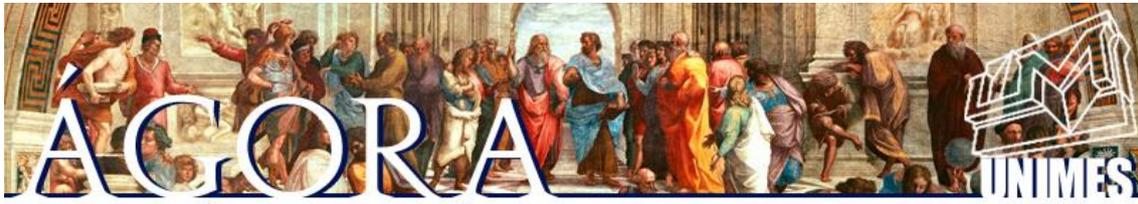
Labirinto

Sozinha caminhei no labirinto  
Aproximei meu rosto do silêncio e da treva  
Para buscar a luz dum dia limpo

In: *Livro Sexto*. 8ª ed.rev. Lisboa, Ed. Caminho, 2006, p.39.  
1ª edição de Livro Sexto é de 1962.

O poeta trágico

No princípio era o labirinto  
O secreto palácio do terror calado  
Ele trouxe para o exterior o medo  
Disse-o na lisura dos pátios no quadrado



De sol de nudez e de confronto  
Expôs o medo como um toiro debelado

In: *Dual*. Lisboa: Ed. Caminho, 2004, p.60.  
1ª edição de Dual é de 1972

### O Minotauro

Assim o Minotauro longo tempo latente  
De repente salta sobre a nossa vida  
Com veemência vital de monstro insaciado

In: *O nome das coisas*. 4ªed.rev. Lisboa: Ed. Caminho, 2006, p.51.  
1ª edição de O nome das coisas é de 1977.

### O palácio

Era um dos palácios do Minotauro  
— o da minha infância para mim o primeiro —  
Tinha sido construído no século passado (e pintado a vermelho)

Estátuas escadas veludo granito  
Tílias o cercavam de música e murmúrio  
Paixões e traições o inchavam de grito

Espelhos ante espelhos tudo aprofundavam  
Seu pátio era interior era átrio  
As suas varandas eram por dentro  
Viradas para o centro  
Em grandes vazios as vozes ecoavam  
Era um dos palácios do Minotauro  
O da minha infância — para mim o vermelho

Ali a magia como fogo ardia de Março a Fevereiro  
A prata brilhava o vidro luzia  
Tudo tilintava tudo estremecia  
De noite e de dia

Era um dos palácios do Minotauro  
— o da minha infância para mim o primeiro  
Ali o túmulo cego confundia



Vol.1 – Número 1- DEZ.2015

O escuro da noite e o brilho do dia  
Ali era a fúria o clamor o não-dito  
Ali o confuso onde tudo irrompia  
Ali era o Kaos onde tudo nascia

In: *O nome das coisas*. 4ªed.rev. Lisboa: Caminho, 2006, p.21.  
1ª edição de O nome das coisas é de 1977.

### Epidauro

O cardo floresce na claridade do dia. Na doçura do dia se abre o figo. Eis o país do exterior onde cada coisa é:

trazida à luz

trazida à liberdade da luz

trazida ao espanto da luz

Eis-me vestida de sol e de silêncio. Gritei para destruir o Minotauro e o palácio. Gritei para destruir a sombra azul do Minotauro. Porque ele é insaciável. Ele come dia após dia os anos da nossa vida. Bebe o sacrifício sangrento dos nossos dias. Come o sabor do nosso pão a nossa alegria do mar. Pode ser que tome a forma de um polvo como nos vasos de Cnossos. Então dirá que é o abismo do mar e a multiplicidade do real. Então dirá que é duplo. Que pode tornar-se pedra com a pedra alga com a alga. Que pode dobrar-se que pode desdobrar-se. Que os seus braços rodeiam. Que é circular. Mas de súbito verás que é um homem que traz em si próprio a violência do toiro.

Só poderás ser liberta aqui na manhã d'Epidauro. Onde o ar toca o teu rosto para reconhecer e a doçura da luz te parece imortal. A tua voz subirá sozinha as escadas de pedra pálida. E ao teu encontro regressará a teoria ordenada das sílabas — portadoras limpas da serenidade.

In: *Geografia*. Lisboa: Ed. Caminho, 2004, p.65.  
1ª edição de Geografia é de 1967.

### Ariadne em Naxos

Tu Teseu que abandona as amadas  
Junto de um mar inteiramente azul  
Invocavam deixadas  
No deserto fulgor de Junho e Sul

Junto de um mar azul de rochas negras  
Porém Dionysos sacudiu  
Seus cabelos azuis sobre os rochedos  
Dionysos pantera surgiu

E pelo Deus tocado renasceu  
Todo o fulgor de antigas primaveras  
Onde serei ou fui por fim ser eu  
Em ti que dilaceras

In: *Dual*. Lisboa: Ed. Caminho, 2004, p.63.  
1ª edição de Dual é de 1972.